ReGeo ISSN: 2177-3246

UMA BREVE ANÁLISE DAS DINÂMICAS ESTRUTURAIS E ECONÔMICAS DO SETOR VITIVINÍCOLA DA REGIÃO DO DÃO PÓS INTEGRAÇÃO COMUNITÁRIA (1986-2026)

A BRIEF ANALYSIS OF THE STRUCTURAL AND ECONOMIC DYNAMICS OF THE WINE SECTOR IN THE DÃO REGION FOLLOWING EU INTEGRATION (1986–2026)

UN BREVE ANÁLISIS DE LAS DINÁMICAS ESTRUCTURALES Y ECONÓMICAS DEL SECTOR VITIVINÍCOLA DE LA REGIÓN DEL DÃO TRAS LA INTEGRACIÓN EN LA UNIÓN EUROPEA (1986-2026)

https://doi.org/10.56238/revgeov17n11-024

Data de submissão: 05/10/2026 **Data de publicação:** 05/11/2026

Marta Cristina Marjotta-Maistro
Doutora em Ciências - Economia Aplicada
Instituição: Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)
Endereço: Araras, São Paulo, Brasil
E-mail: marjotta@ufscar.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2548-6214

Orlando Simões
Doutor em Engenharia Agronômica
Instituição: Universidade Politécnica de Coimbra (UPC)
Endereço: Coimbra, Portugal
E-mail: orlando@esac.pt
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6416-494X

Isabel Dinis
Doutora em Economia
Instituição: Universidade Politécnica de Coimbra (UPC)
Endereço: Coimbra, Portugal
E-mail: idinis@esac.pt
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3948-3727

RESUMO

Este artigo analisa as transformações estruturais e econômicas do setor vitivinícola da Região Demarcada do Dão (Portugal) nas quatro décadas após a integração na Comunidade Econômica Europeia, entre 1986 e 2026. Trata-se de um estudo de natureza mista e longitudinal, fundamentado em pesquisa documental e dados estatísticos de fontes oficiais do governo português. A pesquisa demonstra a transição de um modelo produtivo cooperativo, antes dependente da produção em massa a granel, para um ecossistema focado na qualidade e na valorização do *terroir*. A injeção de fundos comunitários viabilizou a reestruturação dos vinhedos, a modernização tecnológica das adegas e o resgate de castas autóctones, como a Touriga Nacional e o Encruzado. Destaca-se a ascensão dos produtores-engarrafadores independentes, conhecidos pelos "Vinhos de Quinta", que impulsionaram as certificações de origem (Denominação de Origem Controlada - DOC Dão), a elevação dos preços e a diversificação das exportações. Conclui-se que, a despeito de desafios contemporâneos como o despovoamento e as alterações climáticas, o Dão consolidou-se como uma região vitivinícola dinâmica, aliando inovação e sustentabilidade por meio de estratégias complementares, como o enoturismo, ou seja, conseguiu aliar a sua tradição secular à inovação e sustentabilidade, afirmando-se internacionalmente como produtor de excelência.

Palavras-chave: Certificação. Transição. Indicação Geográfica.

ABSTRACT
This article analyzes the structural and economic transformations of the wine sector in the Dão Demarcated Region (Portugal) over the four decades following its integration into the European Economic Community, spanning from 1986 to 2026. It is a longitudinal, mixed-methods study based on documentary research and statistical data from official Portuguese government sources. The research demonstrates a transition from a cooperative production model—previously reliant on mass, bulk production—to an ecosystem focused on quality and the valorization of *terroir*. The infusion of European Union funds facilitated the restructuring of vineyards, the technological modernization of wineries, and the revival of indigenous grape varieties, such as Touriga Nacional and Encruzado. Notable is the rise of independent producer-bottlers—known for their "Vinhos de Quinta" (estate wines)—which have driven the adoption of origin certifications (Dão-Denominação de Origem Controlada – DOC), increased price points, and diversified exports. The study concludes that, despite contemporary challenges such as depopulation and climate change, the Dão region has established itself as a dynamic wine-producing area. By integrating innovation and sustainability—supported by complementary strategies like wine tourism—the region has successfully bridged its centuries-old traditions with modern advancements, earning international recognition as a producer of excellence.

Keywords: Certification. Transition. Geographical Indication.

RESUMEN
Este artículo analiza las transformaciones estructurales y económicas del sector vitivinícola de la Región Demarcada del Dão (Portugal) durante las cuatro décadas posteriores a su integración en la Comunidad Económica Europea, entre 1986 y 2026. Se trata de un estudio de carácter mixto y longitudinal, basado en una investigación documental y en datos estadísticos provenientes de fuentes oficiales del gobierno portugués. La investigación muestra la transición desde un modelo productivo cooperativo —anteriormente dependiente de la producción masiva a granel— hacia un ecosistema centrado en la calidad y la puesta en valor del *terroir*. La inyección de fondos comunitarios hizo posible la reestructuración de los viñedos, la modernización tecnológica de las bodegas y la recuperación de variedades autóctonas, como la Touriga Nacional y la Encruzado. Cabe destacar el auge de los productores-embotelladores independientes, conocidos por los "Vinhos de Quinta, quienes impulsaron las certificaciones de origen (Denominación de Origen Controlada - DOC Dão), el aumento de los precios y la diversificación de las exportaciones. Se concluye que, a pesar de desafíos contemporáneos como la despoblación y el cambio climático, el Dão se ha consolidado como una región vitivinícola dinámica que combina innovación y sostenibilidad mediante estrategias complementarias, como el enoturismo; en otras palabras, ha logrado integrar su tradición secular con la innovación y la sostenibilidad, posicionándose a nivel internacional como un productor de excelencia.

Palabras clave: Certificación. Transición. Indicación Geográfica.

1 INTRODUÇÃO

A Região Demarcada do Dão, oficializada em 1908, constitui uma das zonas vitivinícolas históricas mais emblemáticas de Portugal e da Europa. Situada no centro-norte do país, num planalto abrigado por imponentes maciços montanhosos — designadamente as Serras da Estrela, do Caramulo, da Nave e do Buçaco —, a região beneficiou historicamente de um microclima excecional, caracterizado pela proteção contra a influência atlântica direta e pelos solos graníticos de baixa fertilidade, ideais para a produção de vinhos de elevada acidez natural e enorme longevidade.

Contudo, a trajetória socioeconómica do Dão ao longo do século XX foi marcada por profundas assimetrias. Se até aos meados do século XX o vinho do Dão desfrutava de prestígio indiscutível no mercado nacional, o modelo institucional e produtivo consolidado durante o Estado Novo conduziu a região a um período prolongado de estagnação qualitativa e rigidez estrutural. A viragem decisiva para este ecossistema ocorreu em 1986, com a integração formal de Portugal na Comunidade Económica Europeia (CEE). A adesão comunitária marcou o início de uma verdadeira "revolução silenciosa", impulsionada pela abertura de novos mercados, pela modernização tecnológica e pela injeção sem precedentes de fundos de apoio estrutural à agricultura.

O presente texto faz uma breve análise da evolução da região vitivinícola do Dão ao longo das quatro décadas pós-integração comunitária. Partindo de uma abordagem interdisciplinar que cruza a história económica, a geografia agrária e a sociologia rural, este estudo apoia-se num corpo empírico fundamentado pelos dados das três principais entidades reguladoras e estatísticas do setor em Portugal: o Instituto da Vinha e do Vinho (IVV), o Instituto Nacional de Estatística (INE) e o Instituto de Financiamento da Agricultura e Pesca (IFAP). A análise demonstra como o Dão transitou de um modelo corporativo dependente da produção em massa a granel para um ecossistema dinâmico fundado na valorização das castas autóctones, no aparecimento dos produtores-engarrafadores individuais ("Vinhos de Quinta") e na afirmação internacional da sua identidade singular.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A análise das dinâmicas estruturais e econômicas do setor vitivinícola, especialmente em uma região histórica, exige uma abordagem ancorada na geografia agrária, na história econômica e na sociologia rural. Para compreender a evolução da Região Demarcada do Dão ao longo das últimas décadas, o presente estudo apoia-se em três eixos teóricos fundamentais: a reestruturação produtiva frente às políticas agrícolas supranacionais, o conceito de *terroir* associado à economia da qualidade, e a transição dos modelos institucionais cooperativos para o empreendedorismo privado.

A entrada de Portugal na CEE, em 1986, constituiu um marco importante na transformação das relações entre a agricultura portuguesa e o contexto econômico europeu. Baptista (1994) observa que a adesão alterou substancialmente o referencial de avaliação da agricultura portuguesa, passando a privilegiar-se a sua competitividade no quadro das agriculturas europeias. O autor destaca ainda que a integração implicou a redução progressiva das proteções alfandegárias e a entrada de recursos financeiros destinados à agricultura, em um contexto de aplicação das políticas comunitárias, entre as quais se destacava a Política Agrícola Comum (PAC). Essas transformações contribuíram para modificar as condições de produção e de inserção dos agricultores portugueses no mercado europeu. No setor vitivinícola, esse novo quadro institucional e econômico favoreceu processos posteriores de modernização, reestruturação e adaptação produtiva, que assumiram particular importância nas regiões produtoras, como o Dão.

A transição de um modelo de produção em massa a granel para a produção de vinhos engarrafados de alto valor agregado encontra respaldo teórico na literatura sobre a "economia da qualidade" e na valorização do *terroir*. Magalhães (2008) define o *terroir* não apenas como o somatório das condições edafoclimáticas (solo, clima, topografia), mas como um sistema complexo que engloba a interação histórica entre o meio físico, o material genético (castas autóctones) e as práticas culturais desenvolvidas pelo fator humano. A afirmação internacional de identidades singulares passa, assim, pela proteção legal e simbólica conferida pelas Denominações de Origem Controlada (DOC). De acordo com Harvey (2004), regiões que conseguem engarrafar e certificar sua singularidade geográfica garantem uma "renda de monopólio", protegendo seus produtos da concorrência baseada puramente em preços baixos e grandes volumes.

O arcabouço institucional de uma região molda o seu desenvolvimento econômico. Durante décadas, o setor vitivinícola português esteve submetido a lógicas do regime corporativo, onde o Estado incentivou a criação de adegas cooperativas para proteger os pequenos viticultores, o que paradoxalmente resultou num modelo de incentivo à quantidade em detrimento da qualidade. Autores como Cavaco (1992) apontam que a desregulamentação desses monopólios estatais e corporativos a partir do final do século XX permitiu a emergência de novos atores rurais. No contexto vitivinícola, isso se traduziu no surgimento dos chamados "Vinhos de Quinta" (produtores-engarrafadores individuais). Esses novos atores assumiram um papel crucial na inovação do setor, promovendo a verticalização da produção — do cultivo da uva ao engarrafamento e marketing —, o que reconfigurou as relações de poder e as estratégias comerciais nas regiões demarcadas.

A compreensão das dinâmicas vitivinícolas recentes da Região Demarcada do Dão exige uma análise do modelo institucional que vigorou em Portugal até as vésperas da adesão à Comunidade

Econômica Europeia (CEE). Simões (2006) demonstra que, entre as décadas de 1930 e 1960, o setor vitivinícola nacional foi enquadrado por um forte intervencionismo estatal, característico do modelo corporativista do Estado Novo, que consolidou um "modelo de produção de massa". Para combater crises cíclicas de superprodução e estabilizar os preços no mercado interno, o Estado promoveu uma política de criação de Adegas Cooperativas de cima para baixo, subordinando os produtores a organismos de coordenação econômica, como a Junta Nacional do Vinho (JNV).

Na região do Dão, embora houvesse uma demarcação histórica, a estrutura corporativa (através da Federação dos Vinicultores do Dão) focou-se primariamente na proteção do mercado regional e na absorção de excedentes, em vez de promover a diferenciação qualitativa. Esse modelo institucional privilegiou a quantidade e a homogeneização do produto, remunerando os viticultores com base no grau alcoólico e desencorajando a valorização de castas específicas ou de microclimas singulares. É esta herança estrutural, marcada pelo controle cooperativo e pela massificação da produção a granel, que define o cenário de rigidez e estagnação qualitativa que o Dão enfrentava na década de 1980.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza mista (quali-quantitativa), com objetivos descritivos e exploratórios, estruturado sob a forma de uma análise longitudinal retrospectiva que abrange o período de 1986 a 2026. Segundo Gil (2002), a pesquisa descritiva tem como objetivo principal descrever as características de determinada população ou fenômeno, enquanto a abordagem exploratória permite aprimorar ideias ou descobrir intuições.

Para compreender a complexidade das transformações ocorridas na Região Demarcada do Dão, o estudo adota uma abordagem interdisciplinar. Essa perspectiva metodológica cruza conceitos e métodos da história econômica, da geografia agrária e da sociologia rural, permitindo uma visão holística do território. De acordo com Minayo (2010), a triangulação de diferentes disciplinas e abordagens enriquece a compreensão de objetos de estudo complexos, unindo a quantificação estatística à qualificação dos fenômenos sociais e históricos.

Em relação aos procedimentos técnicos, a investigação apoiou-se em pesquisa documental e no levantamento de dados secundários de domínio público. O corpo empírico da pesquisa foi estruturado e fundamentado a partir da extração de dados das três principais entidades estatísticas e reguladoras do setor agrícola e vitivinícola em Portugal:

- Instituto Nacional de Estatística (INE): Utilizado para o levantamento de indicadores estruturais, especialmente através dos Recenseamentos Agrícolas (desde a década de 1980), permitindo avaliar a fragmentação fundiária, o envelhecimento demográfico e os dados de

comércio internacional.

- Instituto de Financiamento da Agricultura e Pesca (IFAP): Fonte basilar para a análise da injeção de capital comunitário, com foco nas linhas de apoio produtivo, fundos da Política Agrícola Comum (PAC) e programas de reestruturação varietal como o VITIS.
- Instituto da Vinha e do Vinho (IVV): Base de dados empregada para quantificar a mudança de paradigma produtivo, monitorando as séries históricas de produção certificada (DOC Dão e IG Terras do Dão) e a evolução do engarrafamento na origem.

A análise e o tratamento dos dados foram realizados de forma comparativa, contrapondo o cenário estrutural de pré-adesão à Comunidade Econômica Europeia (anos 1980) com os cenários de transição e consolidação (anos 2000 a 2020). Essa contraposição permitiu identificar e sistematizar a transição do monopólio cooperativo para o modelo focado nos produtores-engarrafadores independentes ("Vinhos de Quinta") e na valorização das castas autóctones.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 O PONTO DE PARTIDA: A HERANÇA ESTRUTURAL E O MODELO COOPERATIVO (ANOS 80)

Para compreender a dimensão das transformações ocorridas a partir do final dos anos 1980, torna-se indispensável caracterizar a estrutura produtiva da região na véspera da adesão à CEE. Durante a vigência do regime corporativo (especialmente a partir da criação da Federação dos Vinicultores do Dão em 1942), o Estado promoveu ativamente a concentração da vinificação em Adegas Cooperativas. Este modelo visava proteger os pequenos viticultores da especulação do comércio atacadista, mas acabou por gerar um monopólio de fato sobre a compra da uva e a vinificação.

Na prática, o modelo cooperativo instituiu uma lógica de incentivo à quantidade em detrimento da qualidade. Os viticultores eram remunerados essencialmente pelo peso da uva e pelo grau alcoólico provável, sem diferenciação em relação à sanidade sanitária, ao potencial aromático ou às especificidades das castas. As adegas cooperativas, por sua vez, vendiam a quase totalidade da sua produção a granel aos grandes comerciantes e engarrafadores situados fora da região (em particular no Litoral), que loteavam e distribuíam o vinho sem ligação direta ao *terroir* de origem.

Os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) recolhidos nos Recenseamentos Agrícolas da década de 1980 desenham um retrato estrutural complexo e vulnerável:

- Minifúndio Extremo: A paisagem agrária do Dão era dominada pela extrema fragmentação da propriedade. A maioria das explorações vitícolas possuía uma área média de vinha inferior a 0.5 hectares, frequentemente dividida em múltiplas parcelas dispersas.

- Policultura de Subsistência: A vinha raramente constituía uma monocultura profissionalizada. Estava integrada num sistema agrícola familiar diversificado, onde partilhava o solo com culturas hortícolas, oliveiras e pomares.
- Field Blends Desordenados: As parcelas de vinha contavam com uma mistura heterogénea de dezenas de castas brancas e tintas plantadas sem alinhamento nem critérios enológicos modernos, dificultando a colheita seletiva e a gestão sanitária.
- Envelhecimento Demográfico: O perfil dos chefes de exploração agrícola revelava um acentuado envelhecimento e baixos níveis de escolaridade formal, num contexto de forte emigração rural registada nas décadas de 1960 e 1970.

O Quadro 1 traz indicadores que refletem o período analisado.

Quadro 1: Matriz Comparativa dos Indicadores Estruturais no Dão

Indicador Estrutural	**Cenário Pré-Adesão (Anos 80)**	**Cenário Consolidação (Anos 2000-2020)**
Dimensão Média da Exploração Vitícola	< 0,5 hectares (minifúndio pulverizado)	Reestruturação e concentração progressiva de parcelas
Modelo Predominante de Vinificação	Monopólio das Adegas Cooperativas (Granel)	Crescimento contínuo de Produtores-Engarrafadores ("Quintas")
Estrutura do Encepamento	Vários *field blends* com castas misturadas	Vinhedos estremes com seleção clonal de castas nobres
Destino do Produto	Comércio a granel para intermediários nacionais	Garrafa certificada (DOC/IG) e mercados de exportação

Fonte: INE

Simões (1991) confirma historicamente que a produção sempre assentou na pequena exploração agrícola, apresentando dados que demonstram que, em 1986, 97% dos produtores se encontravam na classe de produção mais baixa (menos de 25 hectolitros). Além disso, aprofunda a questão do envelhecimento e da emigração, explicando que a saída de pessoas afetou prioritariamente a população ativa assalariada, o que fez com que o trabalho agrícola passasse a ser assegurado sobretudo por idosos, mulheres e jovens em idade escolar.

Ainda segundo este mesmo autor, no que diz respeito ao modelo cooperativo, a pesquisa corrobora a política de massificação, evidenciando que as Adegas Cooperativas mantiveram a política da Junta Nacional do Vinho de valorizar as uvas e o vinho em função do grau alcoólico por litro, o que não foi suficiente para adequar a produção às novas realidades do mercado. Por fim, a obra analisa a

componente corporativa do Estado Novo, detalhando as funções da Federação dos Vinicultores do Dão (F.V.D.), criada em 1942 para intervir no mercado, estabilizar preços e fiscalizar a produção, o que confirma o ambiente de forte monopólio e rigidez.

4.2 A INJEÇÃO DE CAPITAL COMUNITÁRIO E A REESTRUTURAÇÃO VITÍCOLA: O PAPEL DO IFAP

A integração europeia em 1986 alterou radicalmente a capacidade de financiamento da agricultura portuguesa. A chegada dos fundos de coesão e a aplicação da Política Agrícola Comum (PAC) colocaram à disposição dos viticultores do Dão instrumentos de capitalização nunca antes vistos. O primeiro grande impulso decorreu da execução do PEDAP (Programa Específico de Desenvolvimento da Agricultura Portuguesa), seguido, a partir dos anos 1990 e 2000, pelos programas específicos de apoio ao setor vitivinícola, culminando nos planos VITIS (Programa de Apoio à Reestruturação e Reconversão das Vinhas).

O Instituto de Financiamento da Agricultura e Pesca (IFAP) desempenhou um papel central nesta transição como entidade gestora dos pagamentos, validação de candidaturas e controlo da aplicação dos fundos comunitários. A análise dos dados de investimento do IFAP na região do Dão revela três eixos fundamentais de intervenção, que são detalhados a seguir.

1. Reestruturação da Vinha e Reconversão Varietal

Os subsídios comunitários canalizados pelo IFAP permitiram o arranque de vinhas velhas improdutivas e a instalação de novas vinhas alinhadas com a modernidade vitícola. Isto traduziu-se no abandono de terrenos de difícil acesso e na armação do terreno em patamares ou cordões contínuos que permitiram a mecanização de tarefas essenciais, como a poda e a vindima.

Mais importante ainda foi a seleção do coberto varietal. A reconversão financiada focou-se na plantação estreme de castas autóctones de elevada aptidão enológica. No caso das tintas, destacaram-se a Touriga Nacional (emblemática da região), o Alfrocheiro, o Jaen (Mencía) e a Tinta Roriz (Aragonez). Nas brancas, o destaque absoluto recaiu sobre o Encruzado — hoje aclamado como uma das grandes castas brancas de Portugal pela sua capacidade de envelhecimento e estrutura —, acompanhado pelo Bical, Cercial e Malvasia Fina.

A modernização recente da Região Demarcada do Dão exigiu uma profunda reestruturação física das propriedades, marcada pela transição de vinhas de alto rendimento para o resgate de castas autóctones de excelência, como a Touriga Nacional e o Encruzado. Para compreender a complexidade e a necessidade estrutural deste processo de reconversão, é fundamental recorrer à análise de Simões

(2006) sobre os critérios de valorização vigentes ao longo do século XX. O autor demonstra que o sistema corporativo e a regulação estatal da época, focados na sustentação de preços e no escoamento de excedentes para o consumo de massa, remuneravam os viticultores predominantemente pelo volume e pelo grau alcoólico.

Esta lógica produtivista e quantitativa incentivou, durante décadas, a substituição de castas tradicionais de menor rendimento por variedades mais rústicas e produtivas, o que descaracterizou o encepamento original e o potencial qualitativo da região (SIMÕES, 2006). À luz dessa perspectiva histórica, os dados aqui apresentados sobre os investimentos em novas vinhas e a seleção rigorosa de castas revelam mais do que uma mera adequação às exigências do mercado global contemporâneo. Eles representam, de fato, uma ruptura drástica com as políticas regulatórias do século passado, evidenciando o grande esforço financeiro e técnico dos produtores contemporâneos para reverter um passivo agronômico herdado e consolidar definitivamente o Dão como uma região produtora de vinhos *premium* e de forte identidade territorial.

Portanto, os dados analisados neste artigo demonstram que a reestruturação financiada pelos fundos comunitários representou muito mais do que uma mera atualização tecnológica das propriedades. A emergência dos "Vinhos de Quinta" significou a superação definitiva das amarras de um modelo institucional intervencionista, devolvendo aos viticultores do Dão a autonomia necessária para resgatar castas autóctones e competir internacionalmente por meio de uma verdadeira economia da qualidade.

2. Modernização Tecnológica e Capacitação das Adegas

Os fundos europeus não se limitaram ao campo; transformaram a enologia regional. Através de linhas de apoio ao investimento produtivo geridas pelo IFAP, tanto as adegas cooperativas que sobreviveram como os novos produtores privados adquiriram equipamentos de vinificação de última geração: sistemas de controle de temperatura de fermentação, cubas de aço inoxidável, prensas pneumáticas e caves equipadas com barricas de carvalho francês e americano para estágio.

No Quadro 2 estão apresentados os focos de intervenção e seus principais impactos estruturais na região do Dão.

Quadro 2: Eixos de Intervenção dos Programas Comunitários de Apoio no Dão

Programa / Linha de Apoio	**Foco de Intervenção Principal**	**Impacto Estrutural na Região do Dão**
PEDAP (Anos 80/90)	Infraestruturas rurais, mecanização inicial e eletrificação	Criação de condições básicas de exploração agrícola moderna
VITIS / PAC (Anos 2000 a 2020)	Reconversão varietal, reestruturação de parcelas e armação do solo	Substituição de *field blends* por castas nobres (Touriga Nacional, Encruzado)
Apoio ao Investimento Produtivo (IFAP)	Modernização de adegas, equipamento enológico e barricas	Elevação dos padrões de higiene, controle térmico e estágio de vinhos
Medidas Agroambientais	Manutenção da biodiversidade, proteção integrada e produção biológica	Sustentabilidade dos ecossistemas vitícolas do planalto do Dão

Fonte: IFAP

4.3 A MUDANÇA DO PARADIGMA PRODUTIVO: O SURGIMENTO DOS "VINHOS DE QUINTA" E A AFIRMAÇÃO QUALITATIVA

Paralelamente à injeção financeira, a legislação comunitária e a revisão do estatuto da Região Demarcada do Dão trouxeram uma alteração regulatória de enorme alcance: o fim do monopólio compulsivo das adegas cooperativas sobre a recolha de uvas. A partir dos finais da década de 1980, os proprietários individuais de vinhas ganharam o direito legal de vinificar, engarrafar e comercializar diretamente os seus vinhos utilizando a sua própria marca e a chancela de Denominação de Origem Controlada (DOC Dão).

Este marco legislativo deu origem ao fenómeno dos "Vinhos de Quinta". Produtores privados, alguns dos quais descendentes de famílias históricas da região e outros investidores oriundos de fora do setor agrícola, começaram a valorizar os seus microclimas e a engarrafar vinhos de elevada gama. O sucesso das primeiras quintas independentes funcionou como um efeito multiplicador, demonstrando que o Dão era capaz de produzir vinhos refinados, complexos e aptos a competir com as grandes regiões internacionais.

Neste contexto, os dados disponibilizados pelo Instituto da Vinha e do Vinho (IVV) permitem quantificar esta mudança de paradigma ao longo das últimas décadas, como segue nos parágrafos à frente.

1. Evolução da Produção Certificada

Enquanto nas décadas anteriores a grande maioria da produção do Dão era classificada como vinho de mesa genérico, o IVV mostra uma inversão profunda. A percentagem de vinho submetido e aprovado pela Comissão Vitivinícola Regional (CVR do Dão) com o selo DOC Dão (Denominação de Origem Controlada) e IGP Terras do Dão (Indicação Geográfica Protegida) cresceu continuamente, ultrapassando os padrões históricos regionais.

2. Eficiência *vs*. Volume

Os registos do IVV evidenciam igualmente que, embora a área total de vinha cultivada no Dão tenha sofrido uma contração natural resultante do abandono de terras marginais e infrutíferas, a produtividade qualitativa e a rentabilidade por hectare subiram vertiginosamente. O Dão deixou de procurar o volume bruto para focar a sua estratégia na densidade de plantação adequada, na redução dos rendimentos por cepa e na maturação fenólica perfeita.

As tendências de produção e certificação da região do Dão estão no Quadro 3.

Quadro 3: Tendências Históricas da Produção e Certificação no Dão

Década	**Perfil Predominante de Comercialização**	**Nível de Certificação (DOC / IG)**	**Atores Hegemónicos**
1980–1990	Dominante a granel (vinhos de mesa)	Baixa percentagem de engarrafamento na origem	Adegas Cooperativas
1991–2005	Transição para garrafa; emergência de marcas de Quinta	Crescimento acentuado das aprovações DOC Dão	Cooperativas vs. Primeiras Quintas Privadas
2006–2026	Foco em vinhos de valor acrescentado, edições especiais e *terroir*	Predomínio de vinhos certificados com selo de garantia CVR	Produtores-Engarrafadores Independentes e Grupos Vitivinícolas

Fonte: IVV

As informações trazidas no Quadro 3 também evidenciam que a modernização do Dão, no período pós-1986, foi impulsionada pelo fim do monopólio compulsivo das adegas cooperativas e pela subsequente ascensão dos produtores-engarrafadores independentes (os chamados "Vinhos de Quinta"). Esse movimento foi o principal responsável por reorientar a região para a valorização do *terroir* e das certificações de Denominação de Origem Controlada (DOC).

A magnitude dessa transformação ganha contornos mais claros quando discutida à luz da evolução institucional descrita por Simões (2006). O autor aponta que o modelo cooperativo anterior

funcionava como um sistema que nivelava a qualidade por baixo. Historicamente, a política corporativa de massificação via adegas cooperativas transformou as produções em "grandes massas vínicas", um processo que anulava as especificidades das exposições geográficas e dos microclimas que naturalmente diferenciavam os vinhos da região. Ainda, segundo o autor, já nos anos 1950, existiam alertas no próprio Dão de que a proliferação desse modelo significava "nivelar o bom com o mau", culminando na criação de um produto medíocre.

4.4 DINÂMICAS DE MERCADO, PREÇO E INTERNACIONALIZAÇÃO

A transformação da estrutura agrária e tecnológica refletiu-se de forma direta no desempenho comercial da região do Dão. Tradicionalmente consumidos no mercado doméstico como vinhos rústicos de consumo diário ou exportados em quantidades modestas para as antigas colónias portuguesas, os vinhos do Dão tiveram de reaprender a posicionar-se num mercado globalizado cada vez mais exigente.

Considerando as estatísticas do INE (Comércio Internacional) com as informações acerca da comercialização do produto, trazidas pelo IVV, destacam-se três vetores determinantes na dinâmica de mercado pós-integração comunitária:

1. A Estratégia de "Premiumização" e a Valorização do Preço Médio

Confrontado com regiões capazes de produzir volumes massivos a custos reduzidos (como o Alentejo ou grandes regiões do Novo Mundo), o Dão orientou a sua estratégia para a diferenciação qualitativa. A evolução do preço médio por litro de vinho engarrafado e certificado demonstra um crescimento constante. A afirmação do Encruzado como um dos brancos mais valiosos do país e a criação de vinhos tintos de lote e varietais de alta gama permitiram aumentar significativamente a rentabilidade das empresas vitivinícolas.

2. Diversificação dos Mercados de Exportação

A integração no mercado único europeu abriu as portas sem barreiras alfandegárias aos Países Baixos, Alemanha, Reino Unido e países nórdicos (onde os monopolistas estatais de bebidas valorizaram a acidez e o perfil gastronómico do Dão). Posteriormente, a expansão estendeu-se aos mercados da América do Norte (Estados Unidos e Canadá), Brasil e Ásia. As exportações passaram a representar uma parcela vital da receita global da região, reduzindo a dependência exclusiva da conjuntura económica nacional.

3. Redefinição do Perfil Organoléptico no Mercado

O mercado contemporâneo passou a premiar exatamente as características que o Dão oferece de forma natural: vinhos com menor teor alcoólico, acidez vibrante, elegância e grande capacidade de guarda, em oposição aos vinhos pesados e sobre maturados. A imagem do Dão converteu-se na de uma "região de elegância e frescura", atraindo a atenção da crítica internacional (como revistas especializadas e distribuidores de vinhos de nicho).

Considerando Simões (2006), a urgência desta estratégia de "premiumização" e internacionalização torna-se ainda mais evidente quando contrastada com o contexto mercadológico anterior à integração europeia. Segundo este autor, o modelo corporativo do século XX sustentava-se num mercado interno fechado e estritamente voltado para o consumo de massa. Nesse sistema, as políticas de intervenção estatal garantiam o escoamento dos excedentes a granel e a sustentação dos preços, o que acomodou a região a uma lógica de volume, independentemente do padrão qualitativo final. Contudo, a abertura das fronteiras e a alteração dos padrões de consumo a partir da década de 1980 — momento em que a procura passou a privilegiar vinhos engarrafados de melhor qualidade e reputação — colocaram a nu a incapacidade de resposta do antigo modelo produtivo, gerando uma severa "crise de adaptação" comercial. Portanto, o reposicionamento global do Dão, evidenciado pela elevação do preço médio e pela valorização de um perfil organoléptico focado na elegância e frescura, não configurou apenas uma escolha de marketing, mas um imperativo de sobrevivência econômica. Os dados demonstram que a região precisou romper definitivamente com o seu histórico isolamento e com a segurança artificial da compra a granel, substituindo-os pela competitividade internacional inerente à economia da qualidade.

4.5 DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS, DEMOGRAFIA E SUSTENTABILIDADE NO SÉCULO XXI

Apesar do notável sucesso de modernização alavancado pelos fundos europeus e pela iniciativa privada, a região do Dão enfrenta no primeiro quartel do século XXI um conjunto de desafios críticos para a sustentabilidade do seu setor vitivinícola. São eles:

1. A Pressão Demográfica e a Escassez de Mão de Obra

Aceleração do despovoamento do interior da região Centro e o acentuado envelhecimento da população ativa agrícola. A escassez de mão de obra para tarefas manuais essenciais — em particular para a vindima e a poda — tornou-se um dos maiores estrangulamentos operacionais. Este cenário tem

exigido novos investimentos (apoiados pelo IFAP) em mecanização adaptada às encostas e declives característicos das sub-regiões do Dão (como a Serra da Estrela ou Besteiros).

2. Alterações Climáticas e Gestão Hídrica

Embora a altitude média da região e a proteção das suas montanhas confiram ao Dão uma maior resiliência térmica do que a regiões vizinhas mais quentes, as alterações climáticas manifestam-se através da frequência acrescida de secas severas, vagas de calor extremas e fenômenos meteorológicos imprevisíveis. A gestão dos recursos hídricos, a monitorização de pragas e a adoção de práticas de viticultura de precisão e produção biológica surgem como imperativos estratégicos monitorizados pelas políticas agroambientais da UE.

3. O Enoturismo como Motor de Valorização Territorial

Como resposta à necessidade de retenção de valor no território, os produtores do Dão têm investido fortemente no enoturismo. A reabilitação de solares históricos, a criação de unidades de alojamento em quintas e a oferta de experiências gastronômicas integradas converteram o vinho num embaixador do patrimônio e da paisagem rural da Beira Alta, criando fontes de receita complementares à simples venda de garrafas.

5 CONCLUSÃO

A trajetória da região vitivinícola do Dão a partir da adesão de Portugal à CEE em 1986 constitui um caso paradigmático de reestruturação produtiva e de adaptação bem-sucedida aos desafios da globalização e da integração comunitária. De uma economia agrária caracterizada pela pulverização da propriedade, pela dependência do modelo cooperativo e pela comercialização de vinhos a granel de fraco valor agregado, o Dão transformou-se numa região moderna, vibrante e focada na excelência enológica.

Esta metamorfose fundou-se num triângulo de fatores chave: a injeção contínua de fundos de apoio à reconversão agrícola e tecnológica geridos pelo IFAP; o rigor normativo, de controle e certificação promovido pelo IVV e pela CVR do Dão; e a transformação estrutural das explorações rurais acompanhada pelos recenseamentos do INE. Acima de tudo, o motor humano desta mudança foi a capacidade dos produtores-engarrafadores de resgatar o património genético autóctone — com destaque para a Touriga Nacional e o Encruzado — e de traduzir a identidade do solo granítico e do clima de montanha em vinhos de classe mundial.

Ao entrar na sua quinta década pós-integração europeia, o Dão afirma-se não apenas como uma região histórica preservada, mas como um ecossistema vitivinícola dinâmico, onde a tradição secular dialoga harmoniosamente com a inovação, a sustentabilidade e a projeção internacional.

REFERÊNCIAS

APTISTA, Fernando Oliveira. A agricultura e a questão da terra — do Estado Novo à Comunidade Europeia. **Análise Social**, Lisboa, v. 29, n. 128, p. 907–921, 1994. DOI: 10.31447/AS00032573.1994128.07.

CAVACO, Carminda. **Portugal rural**: da tradição ao moderno. Lisboa: Direção-Geral de Planeamento e Agricultura, Ministério da Agricultura, 1992.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HARVEY, David. A arte da renda: globalização e comodificação da cultura. In: HARVEY, David. **Espaços de esperança**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MAGALHÃES, N. **Tratado de Viticultura**: a videira, a vinha e o terroir. Lisboa: Chaves Ferreira Publicações, 2008.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PORTUGAL. Instituto da Vinha e do Vinho (IVV). **Portal oficial**. Lisboa: IVV, 2026. Disponível em: https://www.ivv.gov.pt/. Acesso em: 23 jun. 2026.

PORTUGAL. Instituto Nacional de Estatística (INE). **Portal oficial**. Lisboa: INE, 2026. Disponível em: https://www.ine.pt/. Acesso em: 13 abr. 2026.

PORTUGAL. Instituto de Financiamento da Agricultura e Pescas (IFAP). **Portal Institucional**. Lisboa: IFAP, 2026. Disponível em: https://www.ifap.pt. Acesso em: 10 mar. 2026.

SIMÕES, Orlando. **A Vinha e o Vinho no Século XX**: crises e regulação. Oeiras: Celta Editora, 2006.

SIMÕES, Orlando Marcelino de Almeida. **Oitenta anos de produção e comercialização dos vinhos do Dão**. 1991. Dissertação (Mestrado em Economia) – Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1991.